

SIMPÓSIO TEMÁTICO 08

Artes e performances culturais: dinâmicas de resistências

Telma Dias Fernandes
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Este ST propõe contemplar reflexões que contribuam com o debate crítico em torno da constituição de conceitos teórico-metodológicos, bem como estudos de caso na perspectiva da biopolítica e da biopotência; privilegiando o enfoque da apropriação desses conceitos na historiografia; sobretudo, no que se refere aos estudos voltados para a criatividade artística e performática em suas mais diversas possibilidades de expressão. Quando proponho discutir artes e performances culturais como dinâmicas de resistências penso em uma possibilidade de apropriação conceitual que aproxima a História Cultural das novas perspectivas reconhecidas à História Política. A renovação da História Política tem conquistado espaços significativos na produção historiadora, sob enfoques diversos. Herdeiras dos debates que impulsionaram revisões no pensar a história da década de 1970, a História Cultural e a Nova História Política ganham destaque a partir, principalmente, da década de 1980. Entre os debates que contribuíram para essa revisão destacam-se os que focalizam o renascimento do acontecimento, a reinserção dos sujeitos na história, as questões da narrativa na história, as produções artísticas e as reflexões sobre a memória e sua relação com a história. São tendências dentro da historiografia que reivindicam os debates em torno da problemática quanto ao acontecimento, a memória, a narrativa, sujeito da história, consciência histórica e as comunicações entre os saberes, inclusive na sua dimensão holística. A ideia inicial de biopolítica não nos é contemporânea, entretanto, é possível afirmar que ganhou notável contorno de sistematização com Michel Foucault e, mais detidamente no presente, vários são os pensadores, principalmente filósofos, que se debruçam sobre a biopolítica e dela resultam outros conceitos. A biopolítica está presente na dinâmica que inclui o controle, a decisão sobre quem seria matável, o homem que perderia seu direito

jurídico de cidadão e cuja morte não poderia ser entendida como um ato criminoso. Para Giorgio Agamben, a biopolítica está presente em toda a história ocidental, enquanto para Michel Foucault consiste, sobretudo, numa condição moderna, enfatizada a partir do século XVIII. Em Agamben, a biopolítica está desde sempre presente e sujeita a ambiguidades - controle e garantia da vida, decisão de quem merece viver e quem pode morrer. A vida nua. Roberto Esposito tem desenvolvido reflexões no sentido de pensar a biopolítica como uma referência conceitual para interpretar as relações políticas, enfocando, sobretudo, a problemática da comunidade, imunização e tanatopolítica. Sua compreensão de biopolítica difere de Agamben e de Foucault e centra-se na exploração da questão de comunidades, especificando a sua vinculação com outro conceito que é o de imunização. O viver em comunidade pressupõe o dever, o cercamento. Se a comunidade é um coletivo para o qual se caminha e do qual não se pode escapar; a imunização é o processo que se estabelece opondo individualismo ao coletivo. Muito da difusão dos estudos de biopolítica no Brasil devem a Peter Pál Pelbart sua divulgação. Além da biopolítica e dos estudos deleuzianos, seus trabalhos apontam para uma das questões que mais assombra as pessoas na contemporaneidade: o nilismo. Nesse sentido, considerando a partir do enfoque biopolítico e da biopotência, proponho o debate enfocando as produções literárias; cinematográficas e teatrais; a música e as performances como possibilidades de construções criativas de resistências. A resistência se inscreve em todas as instâncias do viver e instituem potência de vida.